

NONÔ
DESCOBRE
O
ESPELHO

JOSÉ ROBERTO TORERO E
MARCUS AURELIUS PIMENTA

ILUSTRAÇÕES DE
ROGÉRIO DOKI



Copyright © 2003 by Padaria de Textos Ltda.

Grafia atualizada segundo o Acordo Ortográfico da Língua Portuguesa de 1990, que entrou em vigor no Brasil em 2009.

Capa e ilustrações de miolo
Rogério Doki

Revisão
Rita Godoy
Damião Nascimento
Umberto Figueiredo Pinto

Produção Gráfica
Marcelo Xavier

Produção editorial
Maryanne Linz

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
(Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil)

Torero, José Roberto

Nonô descobre o espelho / José Roberto Torero e
Marcus Aurelius Pimenta ; Ilustrações de Rogério Doki. — 1^a ed. —
São Paulo : Companhia das Letrinhas, 2017.

ISBN 978-85-7406-765-0

1. Literatura infantojuvenil I. Pimenta, Marcus
Aurelius. II. Doki, Rogério III. Título.

16-00242

CDD-028.5

Índices para catálogo sistemático:

1. Literatura infantil 028.5
2. Literatura infantojuvenil 028.5

6^a reimpressão

2017

Todos os direitos desta edição reservados à

EDITORIA SCHWARCZ S.A.

Rua Bandeira Paulista, 702, cj. 32

04532-002 — São Paulo — SP

Telefone: (11) 3707-3500

www.companhiadasletrinhas.com.br

www.blogdaletrinhas.com.br

DE
COMO
ENCONTRAMOS
ESTES
PAPEIS

A história deste livro começa quando estávamos visitando uma fazenda de café bem antiga, nos arredores de Parati.

Vimos uma casa bem comprida e decidimos ver o que havia lá dentro. Então um de nós (preferimos não dizer qual) se distraiu e deu uma baita cabeçada numa placa. Póim!

Essa placa estava pendurada na entrada da casa. Havia até umas letras escritas na tal placa, mas elas estavam apagadas. A única coisa que dava para ler era:

“_S_OL_ DA FA_ _ _DA DAS _ORES.”

Nós entramos na casa e vimos uns barris de madeira muito velhos. Aí, olhando para aquelas antiguidades, nós pensamos:

“Caramba, que belas traves eles não dariam!”

Pegamos os barris e fomos lá para fora. Porém, quando um de nós (preferimos não dizer qual) deu o primeiro chute, a bola bateu justo no barril e pôu.

Mas isso não foi o pior. O pior foi que o barril caiu e se despedaçou todo. Ele devia ser muito velho

mesmo. Começamos a catar os restos do barril para escondê-los em algum lugar. Só então percebemos que havia umas folhas de papel enroladas ali dentro.

Um disse que elas deviam ser um mapa do tesouro. O outro, que eram uma propaganda de cerveja. Nós dois erramos.

Aqueles papéis tinham mais de cem anos. Neles estava escrita a história que vocês vão ler agora. Ela é a autobiografia de Nonô, um menino que atravessou o oceano, quase foi comido por formigas e encontrou uma coisa fabulável.

Não fizemos nenhum exame científico nesses papéis e os livros de história não confirmam se esse Nonô realmente existiu. Assim sendo, não podemos dizer com certeza que as páginas que encontramos são verdadeiras. Mas também não podemos afirmar que sejam falsas.

Mesmo porque, se forem verdadeiras, as coisas que contam podem ser mentiras; e, mesmo que sejam falsas, pode ser que revelem algumas verdades.

Aliás, nós mesmos podemos estar mentindo ao dizer que encontramos este livro dentro de um barril.

Vai ver nós o escrevemos em casa, apenas consultando dicionários, enciclopédias e a Internet.

Às vezes é difícil perceber a diferença entre a mentira e a verdade, não é verdade?

José Roberto Forero

Marcus Aurelius Pimenta



Meu nome é Nonô.

Quer dizer, todo mundo me chama de Nonô, mas na verdade meu nome é Nonôxi. Nonôxi quer dizer “estrela” na língua da aldeia onde eu nasci.

É engraçado como as pessoas gostam de tirar um pedaço dos nomes das outras:

- José perde o “jo” e vira “Zé”;
- Joaquim perde o “joa” e vira “Quim”;
- Ubiratã perde o “u” e o “tã” e vira “Bira”;
- Benedita perde o “dita” e vira “Benê”, se bem que às vezes perde o “bene” e vira “Dita”;
- Luíza perde o “íza” e vira “Lu”;
- e eu perdi o “xi” e virei “Nonô”.

Hoje eu descobri uma coisa fabulável. Fabulável é uma mistura de fabulosa com incrível. E essa coisa foi tão fabulável que eu decidi escrever minha história.

Peguei a pena, o papel e me sentei diante da mesa, mas aí, quando ia começar, fiquei perdido.

Então pensei... pensei... e decidi começar pelo começo. Ou melhor, pelo cominício, que é o começo do início. E o cominício de tudo foi com Olodumaré.

Olodumaré é o deus criador. Ele é maior que os orixás, que também são deuses, só que menos poderosos.

Um dia, Olodumaré chamou um dos orixás e disse:

“Oxalá, vá fazer o mundo.”



Para isso, Olodumaré deu a ele duas coisas: uma galinha de cinco patas e um saco com areia, o saco da criação.

Antes de partir, Oxalá bebeu a seiva de uma palmeira, só que a seiva da palmeira dá sono, e Oxalá, zzzzz, dormiu.

Olodumaré ficou zangado ao ver Oxalá dormindo, tão zangado que deu a galinha de cinco patas e o saco da criação a outro orixá, Odudua. E disse:

“Odudua, vá fazer o mundo.”

Então Odudua foi até o lugar das águas. Chegando lá, ele jogou a terra que estava no saco da criação e a galinha começou a espalhá-la com suas cinco patas. Quanto mais ela ciscava, mais a terra se alargava, formando os continentes. E assim a Terra foi feita.

Para não deixar Oxalá triste, Olodumaré permitiu que ele criasse os seres que povoam o mundo. Foi aí que Oxalá fez o primeiro homem, que foi Gbegbade, e a primeira mulher, que foi Motawede.

Gbegbade e Motawede tiveram filhos, que tiveram outros filhos, que tiveram mais filhos, que tiveram novos filhos e assim foi, foi, foi até chegar em Uabubu*, que é o meu pai, e Macalanga**, que é a minha mãe.

E aí eu nasci.

* Baixote, no idioma quimbundo.

** Lagartixa.